



Entrevista a Flávio Gil

1. A Revista está viva no coração dos portugueses ou é considerada uma arte menor?

Ela está definitivamente no coração dos portugueses que continuam a vir à Revista. Ou seja, nós continuamos a ter público, felizmente, apesar de nesta altura sentirmos uma menor afluência, também porque o momento que se vive é mais difícil, mas se não houvesse público nós não estaríamos aqui, por tanto continua a haver público. O que há, sobretudo por parte de actores que trabalharam noutros géneros de teatro e de expressão artística, são pessoas que olham para a Revista como algo menor, se calhar porque nunca fizeram ou porque não respeitam o género e acham que é demasiado simples, fácil. Não sei diagnosticar o porquê.

2. Que importância assume a Revista à Portuguesa na cultura nacional?

Eu acho que tem toda a importância. Se olharmos com atenção, os últimos programas de humor de maior êxito não faziam mais do que faz a Revista: faziam crítica à actualidade. Estou a lembrar-me dos “Contemporâneos”, os programas em que a Ana Bola, o Herman, o Monchique, o Manuel Marques ou o Madeira participam, que têm feito muito uma crítica ao momento actual e a Revista faz exactamente isso. Por isso é que se chama Revista, pois passa em revista os factos mais marcantes do país e da situação que se vive, agora também um pouco mais da Europa.

3. E para si, qual a importância do Teatro de Revista, considerando que é um actor jovem?

Eu acho que, mais que não seja, tem o papel de ser uma expressão artística e um veículo de cultura e isso é muito útil sempre, seja na Revista ou noutra sítio qualquer. Depois assume a importância de dar voz a muitas situações que, por vezes,

passam um bocadinho ao lado. Claro que agora já não há a necessidade de camuflar os assuntos, como antes do 25 de Abril, mas há a necessidade de reiterar alguns protestos e manifestos e nós tentamos fazer isso aqui. Não deixamos que as coisas fiquem esquecidas.

4. E quem são as suas referências no Teatro de Revista?

Inevitavelmente, aponto duas muito rápidas que são a Marina Mota e o Carlos Cunha, sobretudo porque tive oportunidade de trabalhar com eles e, a partir desse momento, ainda se tornaram maiores referências para mim. Depois há aquelas que são transversais a todos os actores da minha geração, como o José Raposo, a Maria João Abreu, o Joaquim Monchique, o Herman, esse uma enorme referência, creio eu, para todos os actores na área do humor.

5. A continuidade do Teatro de Revista está assegurada?

Eu acho que sim porque, acima de tudo, o público gosta de Teatro de Revista e agora, se vemos bem, há cada vez mais Revistas, podem é não ter a estrutura convencional a que estamos habituados, mas os produtores têm tentado fazer Revista, seja em projectos itinerantes ou em grandes teatros em Lisboa. Já não é só o Maria Vitória a fazer Revista, há o Politeama, por exemplo. Claro que é uma Revista à La Féria, mas ele também tem que assinar o espectáculo e dar-lhe as suas características e o seu cunho pessoal, mas na sua essência cumpre o papel de estar ao lado da crítica social e política e, por isso, assenta na Revista, claro.

6. Há muitos actores jovens que gostam e que estão a construir a sua carreira no Teatro de Revista?

Eu acho que sim. Há muitos actores jovens a ver, gostar e depois querer fazer Revista. Prova disso é o facto de nós, todos os anos, vemos pessoas novas a fazer Teatro de Revista, caras que até aí não conhecíamos, e isso é um índice de que há interesse. Basta vemos os grupos amadores, onde há cada vez mais grupos de actores jovens e, normalmente, a sua primeira escolha recai sobre fazer Teatro de Revista, o

que prova o interesse da população mais jovem pela Revista, mesmo dentro do grupo de actores.

7. A presença de actores jovens é, também, uma forma de revitalizar este género teatral e trazer mais público jovem à Revista?

Claro. É a forma de aproximar esses futuros actores do género e isso assegura, naturalmente, a sua continuidade.

8. Quem é o público do Teatro de Revista no Maria Vitória?

Eu não consigo definir isso, porque se há dias em que o público é visivelmente mais velho, há outros em que temos grupos de escolas secundárias ou até de terceiro ciclo, por isso não é justo estabelecer uma regra para isso, é redutor.

9. Quais são os apoios (patrocínios, subsídios, mecenato) de que dispõe o Teatro Maria Vitória?

Nenhum. Este (Tudo isto é Fardo) acho que teve o apoio da Câmara Municipal de Lisboa que, aliás, vai apoiando mais ou menos todos os espectáculos, mas de resto há muito poucos apoios, até porque os privados estão também com dificuldades e por isso não têm tanta disponibilidade para apoios aos produtores de teatro, seja ele de Revista ou outro género.

10. Indique três bons motivos para levar os jovens à Revista.

São os motivos que eu diria a qualquer outra pessoa: nós apostamos sempre em fazer um espectáculo muito divertido, isso está mais do que assegurado; há a preocupação para que a linguagem dos nossos espectáculos seja transversal para todo o público, não só para pessoas mais velhas, pois quem vier ver este espectáculo, independentemente de ter 20 ou 60 anos revê-se nele em algum momento; em terceiro, porque tem que partir de nós apoiar a cultura, agora que ela está tão esquecida por quem devia ser mais responsável.